

O simbólico de J. Lacan, ou a função do furo

The Lacanian Symbolic or the function of the hole

ALFREDO EIDELSZTEIN

RESUMO:

Este trabalho propõe recuperar o valor diferencial que a formulação do registro do Simbólico de Lacan introduz na psicanálise, dentro da estrutura do Simbólico, do Imaginário e do Real que, como novo paradigma, substitui a segunda tópica freudiana, no que implica uma nova estrutura, tanto pelos elementos que participam dela, como também por suas leis de composição. Nesse sentido, torna-se fundamental revisar o estatuto do Simbólico para dar conta da função do furo, sua relação com o funcionamento significante e o tempo reversivo.

PALAVRAS-CHAVE: Simbólico – significante – furo – ciclone devorante – tempo reversivo

ABSTRACT:

This work offers to recover the differential value introduced in Psychoanalysis by the formulation of Lacan's Symbolic register, within the structure of the Symbolic, the Imaginary, and the Real that, as a new paradigm, replaces the second Freudian topic, in what it involves a new structure, so much for the elements that take part of it as well as its laws of composition. Therefore, it becomes fundamental to check the statute of the Symbolic to realize the function of the hole, its relation to the significant function and to the time in reverse.

KEY WORDS: Symbolic – significant – hole – consuming cyclone – time in reverse

Quando falamos do homem, é nesse turbilhão, nesse furo que se faz aí, que estamos tocando.¹

Os três registros que J. Lacan propôs para a psicanálise, num paradigma destinado a substituir a segunda tópica legada por S. Freud para seus discípulos – tal como o primeiro sustentou alguns meses antes de morrer no seminário que proferiu em Caracas –, são fundamentalmente caracterizados por redundar numa estrutura nova, tanto pelos elementos que participam dela, quanto por suas leis de composição. Essa novidade não só se apresenta em relação ao que foi proposto por Freud, mas,

¹ Lacan, J. Seminario IX. La identificación. Aula de 23 de maio de 1962. Inédito.

também, a respeito do que o senso comum de nossa época e sociedade estabelece que é o Imaginário, o Simbólico e o Real.

Social e culturalmente falando, o Imaginário tende a ser acatado como aquilo que imaginamos, um mundo de fantasia, que opera como um cristal que cada um carrega, sabendo ou não, diante dos olhos e que colore o mundo real de forma individual e irrepitível. O simbólico será o pacote de símbolos positivos considerados sinais convencionais que servem para representar a realidade, seus objetos e seus fenômenos. E, finalmente, o Real é a substância material – apresentado como carne para se referir ao “interior” e como pedra para designar o “exterior”, a cada pessoa – que o Imaginário velará e o Simbólico nunca poderá representar.

A respeito do segundo paradigma proposto por Freud para a psicanálise – o do eu, supereu, isso e realidade –, as diferenças estabelecidas por Lacan são extremas, embora os discípulos deste último considerem ambas as propostas numa continuidade que indica – para eles – sua quase identidade, como se a de Lacan fosse apenas uma transcrição, com novos nomes, dos velhos elementos.

As diferenças, nesse campo conceitual, entre Freud e Lacan são radicais. Para dar um exemplo, mas que não é um inferior, o eu para Freud é interno e central, amado – que como “o” objeto de amor, funciona como a base narcisista de todo amor objetal – e o mais fiel testemunho da realidade, pois consiste nos traços mnêmicos das vivências de satisfação realmente ocorridas no começo de cada vida, base fundante do mundo interno – o mundo real será o “fora” onde se depositarão todas as vivências insatisfatórias. Para Lacan, o eu é totalmente oposto: engano a respeito da confusão ineliminável entre o eu e o outro, que Lacan escreve em sua álgebra aa' . Esta identificação é produtora do paradoxal “Eu sou outro”, base da alienação, que estabelecerá, além disso, no lugar do amor, a agressividade característica do egóico. Outra diferença silenciada é a seguinte: o isso freudiano é o manancial das pulsões que provêm do interior do corpo biológico e incidem no aparato psíquico. Contudo, o **isso** (*Ça*) de Lacan cumpre a função de inscrever que “Isso pensa” e “Isso fala” e estabelece na psicanálise a lógica do impessoal que indica que o pensamento e a fala não correspondem à lógica individualista.² Como pode ser visto claramente, um sistema contradiz o outro.

Outra diferença que cabe destacar é que Freud sustentou dois paradigmas, conhecidos como primeira e segunda tópicas, enquanto Lacan sustentou sempre o mesmo, desde o início do seu ensino em 1953 e até o seu falecimento; embora seus seguidores se empenhem em sustentar, sob um modo evolucionista, um primeiro, segundo e terceiro Lacan.

Nesta oportunidade, proponho considerar a estrutura do Simbólico, Imaginário e Real tal como ficou formulada e escrita por Lacan a partir da década de 70 no nó borromeano: o anel do Imaginário

² Cf. Sarraillet, M. I. (2008). El sujeto del inconsciente como impersonal y el problema de la responsabilidad subjetiva. Em *El Rey está desnudo* N°1. Buenos Aires: Letra Viva.

passa por cima do anel do Real e o deste por cima do anel do Simbólico que, por sua vez, passa por cima do primeiro. Isso produz uma relação entre eles como a dos elos de uma corrente onde cada um está interpenetrado pelos outros dois.

A lógica que dá conta da estrutura própria e específica do Simbólico, do Imaginário e do Real é a cadeia borromeana. Esta traz uma novidade que chamaremos de substancial: cada um dos três elementos só existe e é na relação tripartida com os outros dois. Se não se articula assim, então não é. Mais do que “estão” enodados, convém dizer, aproveitando as riquezas do espanhol,³ “são” enodados em tal cadeia, e “não são” por fora de tal relação. Assim, fica claro que para Lacan o ser reside e consiste somente na relação.

A relação, que também será apresentada por Lacan como “laço”, ou seja, bucle, conotará essencialmente todo vínculo entre *parlêtres* (falasseres) e, especialmente, à própria psicanálise, que será postulada por Lacan como discurso e, segundo sua teoria, então, como laço social. O valor do laço, que é no que consiste, segundo Lacan, todo discurso, é tal que o faz afirmar:

Não há nenhuma realidade pré-discursiva.⁴

Outros autores nas ciências sociais sustentam propostas similares, mas são pouco conhecidos e considerados. Por exemplo, Norbert Elias, que em sua sociologia histórica postula que o ser do homem pertence mais à relação do que ao indivíduo, embora ressalte que em nosso Ocidente se acredita preconceituosamente que o indivíduo é real e a relação apenas uma suposição ideal.⁵ O mundo humano está constituído, segundo N. Elias, da mesma forma que propõe Lacan, pelo “entrelaçamento”; numa surpreendente coincidência com o que é chamado na atualidade pelos físicos de “maior mistério da física quântica”, a existência entrelaçada das partículas subatômicas.⁶

Estritamente falando, o ser da cadeia com a qual Lacan opera reside apenas na relação entre os elos desta e ignora o material, corda, ferro etc., com que estes últimos estariam feitos e cuja referência somente constitui uma ancoragem para a imaginação. Para Lacan os elos são superfícies tóricas e, como tais, superfícies topológicas bidimensionais e intangíveis.

No sistema de Freud, cada elemento é em si mesmo de forma independente, embora deva suportar as incidências dos outros, como acontece com o eu que é vassalo do supereu, do isso e da realidade. Para Freud, o indivíduo na sociedade também funciona da mesma forma. Para Lacan, trata-se de

³ N.T.: Essa característica também está presente no português.

⁴ Lacan, J. (1981). *El Seminario*. Libro 20. Barcelona: Paidós. p. 43.

⁵ Cf. Elias, N. (2000). *La sociedad de los individuos*. Barcelona: Península.

⁶ Cf. Aczel, A. D. (2008). *El entrelazamiento*. El mayor misterio de la física. Barcelona: Crítica-Drakontos.

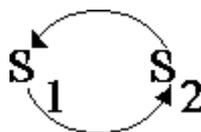
postar em forma significante todo ente ou elemento a considerar em psicanálise, especialmente o sujeito, uma vez que o significante é, fundamentalmente, o que é em relação.

Do que se trata, no fundamento de sua teoria, é da concepção estritamente lacaniana do significante. Toda sua proposta filosófica, consistente em seu *móterialisme*,⁷ o materialismo da palavra, implica sustentar: o *parlêtre*⁸, que deve ser traduzido como *falasser* – e não “ser falante”–; a *hontologie*⁹ – *vergotologia* ou a vergonha de sustentar que “o ser é e o não-ser não é” – e a *insubstância*,¹⁰ ou rejeição de nossa ideologia reificante e coisificadora. Essa filosofia, verdadeira *antifilosofia*,¹¹ como foi dito, se sustenta inteiramente em sua teoria do significante.

Os significantes, segundo a concepção de Lacan, somente são, a partir da perspectiva da língua, a diferença com todos os outros, e, assim, exclusivamente consistem em ser o lugar vazio deixado por todos os outros e, na prática analítica, uma posição relativa a outros significantes na cadeia significante, mas nunca nada em si mesmos. Nas palavras de Lacan:

[...] há no mundo significantes que não querem dizer nada e que têm de ser decifrados.¹²

Desde o início da elaboração do Simbólico por Lacan, será este registro o que enoda os outros dois, já que, de fato, traz a função do nó. Como? A partir da operatória significante. Cada significante existirá no seio de uma relação, pelo menos, dual, que se pode formular como S_1 e S_2 , que fundam um tempo reversivo e um espaço combinatório circular, ambos constituídos pela relação significante em forma de bucle ou linha fechada.¹³ Na cadeia significante, o primeiro significante antecipa o segundo e este ressignifica o primeiro.



⁷ Lacan, J. (1988). Conferencia de Genebra sobre el síntoma. Em *Intervenciones y Textos 2*. Buenos Aires: Manantial. p. 126.

⁸ Lacan, J. (1988). La tercera. Em Op. cit. p. 87.

⁹ Lacan, J. (1992). *El Seminario*, Libro 17. Buenos Aires: Paidós. p. 195.

¹⁰ Op. cit., p. 174.

¹¹ Lacan, J. (2001). Peut-être à Vicennes Em *Autres écrits*. Paris: du Seuil. p. 314. Texto traduzido por Apertura Sociedad Psicoanalítica de Buenos Aires.

¹² Lacan, J. (2008). Posición del inconsciente. Em *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno. p. 799.

¹³ Na topologia, o bucle é designado como “linha fechada de Jordan”. [N.T.: Em português, o teorema costuma ser traduzido por “curva fechada de Jordan”].

O bucle ou linha fechada é o que inscreveu, no decorrer do ensino de Lacan, primeiro o intervalo significativo, depois o caminho circular do significativo, para finalmente dar conta do furo criado pelo significativo, tema central deste trabalho.

A partir do momento em que para Lacan a topologia é a elaboração do espaço imprescindível para a psicanálise, ou seja, a partir do Seminário IX sobre a identificação, ele já sustenta o seguinte argumento, nunca abandonado:

Essa linha que nós chamamos **o corte**, é uma linha – esse é nosso ponto de partida – que devemos considerar *a priori* como fechada. É a essência do significativo.¹⁴

A linha fechada, o bucle significativo, será o que absorve o valor antes indicado por Lacan como do intervalo significativo. Será um lugar bidimensional onde são criados e existem: o sujeito, apresentado como o que um significativo representa frente ao outro, fórmula produzida justamente nesses mesmos anos; o Outro, impossível de ser completado como uma metalinguagem; e o objeto *a*, acósmico.

Todo este movimento consolida o desenvolvimento da lógica e da valorização plena do furo na psicanálise de Lacan. O furo será aquilo que oferece a possibilidade lógica da *béance*,¹⁵ que em francês provém de *béer*, desejo, e que significa: tanto o estado daquilo que é aberto, quanto abertura e introdução,¹⁶ e pode ser traduzido ao espanhol por *oquedad*.¹⁷

O furo funciona ou opera como turbilhão, redemoinho ou tempestade, que prefiro designar “ciclone devorante” que, no universo do *parlêtre*, engole e aniquila a substância material como causa do movimento do desejo e, por sua vez, cria o objeto *a*.

O furo na topologia, diferentemente da suposição que a ideia freudiana de castração possibilita, não indica em absoluto algo que falta ou foi retirado, mas uma propriedade da estrutura.¹⁸

A problemática em jogo na oposição entre nossa ideologia e a teoria de Lacan pode ser vista com clareza em nossa confusão recorrente entre “círculo” -a superfície plena e sem furo- e a circunferência, apenas linha fechada, que divide a superfície em dois. Muitas vezes dizemos círculo quando queremos nos referir à circunferência, assim, tendemos a preencher e tampar.

É em virtude do valor central do furo que Lacan dirá que a topologia que ele utiliza se caracteriza por ser uma geometria que repudia seu nome.¹⁹ Aquela trabalhará apenas com superfícies capazes de alojar furos e não deve dar a entender que o faz com sólidos, como a terra de “geo”metria.

¹⁴ Lacan, J. Seminário IX. Aula de 23 de maio de 1962. Inédito. Disponível em: www.staferla.free.fr.

¹⁵ Lacan, J. Seminário IX. Op. cit.

¹⁶ *Ouverture* em francês.

¹⁷ N.T.: Em português, o termo *béance* costuma ser traduzido por hiância.

¹⁸ Cf. Ruiz, C. Conferencia dentro del Ciclo Conferencias Clínicas Hospital Alvear. Outubro 2002.

¹⁹ Lacan, J. Seminário XXII, Aula de 15 de abril de 1975. Inédito. Disponível em: www.staferla.free.fr.

Deve-se ter em conta que as duas versões, aparentemente contraditórias, são certas: o Simbólico oferece o furo condição do encadeamento e o Simbólico só existe enodado aos outros dois registros, o que demonstra a necessidade lógica de um tempo reversivo.

O simbólico será o furo, o Imaginário tudo o que o obstrui como consistência tridimensional, não lógica, o que ilusoriamente se supõe obliterar ou ocluir o furo, para nossa época e sociedade: fundamentalmente o corpo em seu valor de carne. E o Real, ao contrário do que costuma ser indiscutível entre nós, não será o osso, nem sequer a pedra, mas o total oposto: a ex-sistência, ou seja, a vida de entes tais como Deus, o inconsciente, os impossíveis lógico-matemáticos etc.; que ex-sistem e são criados na possibilidade que fornece o furo simbólico.

Inclusive o *jouissance*/gozo, um dos conceitos mais criativos de Lacan, que foi traduzido ao espanhol como *goce*,²⁴ passando a ser a via privilegiada tomada por seus seguidores para anular a novidade da formulação do furo, ao compará-lo à satisfação insatisfatória e ao desprazer prazeroso que concebem originados na substância biológica. Para Lacan, pelo contrário, tal como se lê em seu nó borromeano, o gozo se inscreve também nos furos, que não se devem confundir com as zonas erógenas de Freud. Para este último, são zonas do tegumento dos seres vivos fortemente inervadas. Para Lacan, no entanto, será o furo significativo que, funcionando como ciclone, devora justamente isso em nossa vida.

O furo corporal vale para Freud dentro da borda da pele ou mucosa, o de Lacan em outro “interior” que é, por sua vez, também, “externo” ao soma biológico, criando assim a lógica do êxtimo.

²⁴ N.T.: Em português o termo *jouissance* foi traduzido por “gozo”. Portanto, o comentário de Eidelsztein acerca do que ele considera ser uma tradução mais adequada, não possui o mesmo efeito para a tradução em português.

BIBLIOGRAFIA

1. Lacan, J. (1962). *Seminario IX. La identificación*. Aula de 23 de maio 1962. Inédito. Disponível em: www.staferla.free.fr.
2. Lacan, J. (1975). *Seminario XXII. R.S.I.* aula de 15 de abril de 1975, inédito, www.staferla.free.fr.
3. Lacan, J. (1976). Journées des cartels de l'École freudienne de Paris. Paris, abril de 1976. Lettres de l'École Freudienne, N° 18. Disponível em: www.école-lacanienne.net.

ALFREDO EIDELSZTEIN

Psicanalista, autor de vários livros de psicanálise e mantém, há quase 30 anos, atividades de transmissão de psicanálise em Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Espanha e Uruguai.

E-mail: eidelszt@fibertel.com.ar